



Manifestação de Espírito de pessoa viva: é possível em estado de vigília?

Paulo da Silva Neto Sobrinho^{1,2,a}

¹Belo Horizonte, MG

²<http://www.paulosnetos.net>

e-mail: ^apaulosnetos@gmail.com

(Recebido em 14 de Abril de 2015, publicado em 26 de Abril de 2015).

RESUMO

O Espiritismo ensina que é possível a manifestação de um Espírito encarnado através de um médium, se ele estiver em um estado alterado de consciência, como no sono. Porém, recentemente, a possibilidade disso também ocorrer caso o encarnado esteja em estado de vigília se tornou uma questão controversa. Neste artigo, aprofundaremos nas obras básicas da Codificação espírita para descobrir como o tema é nela tratado, e se há maior respaldo doutrinário para essa questão. Embora exista uma mensagem contida na *Revista Espírita* que sugere essa possibilidade, nós mostramos que, segundo o Espiritismo, se o encarnado estiver em estado de vigília não pode se afastar do corpo e, portanto, dar manifestação.

PALAVRAS-CHAVE: Manifestação; encarnados; pessoas vivas; vigília; Chico Xavier; Kardec.

I INTRODUÇÃO

Uma questão que tem dividido os espíritas é a hipótese de Chico Xavier (1910-2002), conhecido e reconhecido médium brasileiro, nascido em Pedro Leopoldo e radicado em Uberaba, ser Allan Kardec reencarnado. Veja-se, por exemplo, a obra *A volta de Allan Kardec* (OLIVEIRA, 2007), de Weimar Muniz de Oliveira (1936-). Em quatro textos, “Kardec reencarnou-se como Chico Xavier”, “Só por equívoco Chico Xavier foi Kardec”, “Kardec nunca foi João Evangelista” e “Elias, João Batista e Kardec”, todos disponíveis em nosso site www.paulosnetos.net, argumentamos que uma condição necessária para a hipótese de Chico Xavier ser Kardec, é provar de forma incontestável, que todas as vezes que o Espírito Kardec se manifestou, Chico estava dormindo ou em algum estado alterado de consciência, para que seu Espírito pudesse se emancipar do corpo, assumir a sua personalidade de Kardec, e se manifestar.

Para se ter uma ideia das manifestações de Kardec, temos que durante os anos de 1926 a 1927 estava o Codificador manifestando-se a Léon Denis, conforme nos informa o pesquisador Eduardo Carvalho Monteiro (1950-2005), em *Allan Kardec (o druida reencarnado)* (MONTEIRO, 1996), onde narra o seguinte:

Na obra *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível* do mestre Léon Denis, só há pouco tempo disponível ao público brasileiro, o autor reproduziu uma série de mensagens do Espírito de Allan Kardec que, em verdade, escreveu a parte final de *O Gênio Céltico*. Madame Baumard, esta que o acompanhou nos últimos anos de vida como sua secretária, assim descreveu o processo criativo do grande escritor: “Durante os anos de 1926-1927, Denis manteve constantes contatos com o invisível. O interesse de Allan Kardec para com a obra em elaboração e-

ra ‘intenso’: apresentava-se a cada quinze dias e se encarregou, por ditado mediúncico, da parte final do livro.” (MONTEIRO, 1996, p. 74, grifo nosso).

Esse fato é confirmado pelo próprio Léon Denis (1846-1927) na obra intitulada *O gênio céltico e o mundo invisível*, citada acima, de cuja “Introdução” tomamos esse trecho da fala do autor:

“Com efeito, é pelo estímulo do Espírito Allan Kardec que realizei este trabalho, em que se encontrará uma série de mensagens que ele nos ditou, por incorporação, em condições que excluem toda fraude”. (DENIS, 2001, p. 28, grifo nosso).

Ainda nessa obra, em duas outras oportunidades, Léon Denis fala sobre o Congresso Espírita de 1925 (DENIS, 2001, p. 208 e 259), confirmando o que acima foi dito. Transcrevemos uma delas:

Então, ao se aproximar o Congresso de 1925, foi o grande iniciador, ele mesmo, que veio nos certificar de seu curso e nos esclarecer com seus conselhos. Atualmente ainda é ele, Allan Kardec, quem nos anima a publicar este estudo sobre o gênio céltico e a reencarnação, como se poderá verificar pelas mensagens publicadas mais adiante. (DENIS, 2001, p. 259, grifo nosso).

Além disso, Denis menciona outro fato importante dando-nos conta de que “Allan Kardec não se comunica unicamente em Tours, mas também em muitos outros grupos espíritas da França e da Bélgica.” (DENIS, 2001, p. 279).

Se Kardec se manifestou, e na hipótese dele ter sido Chico, estaríamos diante de uma manifestação de Espírito de pessoa viva (encarnada), que entendemos não poder acontecer, caso a pessoa viva esteja em estado de vigília.



Vimos, na Internet, um artigo propondo a validade da hipótese de Chico ser Kardec reencarnado, se baseando na possibilidade do Espírito de uma pessoa viva, estando ela em estado de vigília, poder se manifestar. Para justificar-se, é apontado o seguinte texto transcrito da *Revista Espírita* de 1867, mês de março:

Uma outra questão é esta: Entre esses Espíritos, não há os que estão encarnados neste mundo ou em outros, e, neste caso, como podem se comunicar? Eis a resposta que disto nos foi dada:

“Os Espíritos de um certo grau de adiantamento têm uma irradiação que lhes permite se comunicar simultaneamente em vários pontos. **Em alguns, o estado de encarnação não amortece essa irradiação de maneira bastante completa para os impedir de se manifestarem mesmo no estado de vigília.** Quanto mais o Espírito é avançado, mais são fracos os laços que o unem à matéria do corpo; ele está num estado quase constante de desligamento, e pode-se dizer que está lá onde dirige seu pensamento.”

UM ESPÍRITO.

(KARDEC, 1999a, p. 85, grifo nosso).

Como disse Kardec “*A ideia preconcebida, num sentido qualquer, é a pior condição para um observador, porque então tudo vê e tudo ajusta a seu ponto de vista, negligenciando o que pode haver de contrário. Certamente não é esse o meio de chegar à verdade.*” (KARDEC, 2008, p. 145-146). O propósito deste artigo é, portanto, analisar a mensagem publicada na *Revista Espírita* de 1867, acima reproduzida, sob a luz da própria Doutrina Espírita. Será que ela encontra respaldo nos princípios básicos do Espiritismo? O que ensina a Doutrina Espírita a respeito do assunto? Nas seções seguintes, apresentamos um estudo aprofundado do tema de acordo com as obras básicas e alguns autores espíritas clássicos. Mostraremos, com base nos princípios espíritas, que embora se tenha publicado na *Revista Espírita*, ela não tem o mesmo valor doutrinário que os princípios básicos do Espiritismo, não servindo, portanto, de base para a tese da possibilidade de um encarnado, em estado de vigília, se desdobrar e se manifestar através de um médium em outro lugar.

II ANÁLISE DOUTRINÁRIA DO TEMA

O primeiro item de nossa análise consiste de dois detalhes muito importantes, expostos por Kardec, a respeito da validade das mensagens espirituais.

O primeiro detalhe está presente na *Revista Espírita* de 1865, no qual ele diz:

O Espiritismo não é mais a obra de um único Espírito como não é a de um único homem; é a obra dos Espíritos em geral. **Segue-se que a opinião de um Espírito sobre um princípio qualquer não é considerada pelos Espíritos senão como uma opinião individual, que pode ser justa ou falsa, e não tem valor senão quando é sancionada pe-**

lo ensino da maioria, dado sobre os diversos pontos do globo. Foi esse ensino universal que fez o que ele é, e que fará o que será. **Diante desse poderoso critério, caem necessariamente todas as teorias particulares que sejam o produto de ideias sistemáticas, seja de um homem, seja de um Espírito isolado.** Uma ideia falsa pode, sem dúvida, agrupar ao seu redor alguns partidários, mas não prevalecerá jamais contra aquela que é ensinada por toda a parte. (KARDEC, 2000, p. 307, grifo nosso).

Se observar a mensagem que foi transcrita em nossa Introdução para justificar a manifestação de um Espírito de pessoa viva no estado de vigília, vê-se que tem como assinatura a designação indefinida de “Um Espírito”, bem como o fato de que Kardec não comentou absolutamente nada sobre isso, como, em geral, fazia para explicar alguns pontos doutrinários importantes.

Na *Revista Espírita* de 1866, Kardec volta a dizer, taxativamente, que “*para nós a opinião de um Espírito, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica.*” (KARDEC, 1993a, p. 191, grifo nosso). Portanto, essa mensagem, apresentada como justificativa para manifestação do Espírito de uma pessoa viva, em estado de vigília, trata-se apenas de opinião de um Espírito. Veremos, no decorrer deste estudo, que essa mensagem, assinada por “Um Espírito”, não contém valor doutrinário. Confirmaremos que ela conflita com o que foi dito em *O Livro dos Médiuns*, cuja publicação ocorreu antes, em janeiro de 1861.

Vejamos, primeiramente, o que foi dito na *Revista Espírita* de maio de 1858, quando Kardec comenta uma das perguntas feitas ao Espírito Mozart: “*O médium poderia se pôr em relação com a alma de um vivo, e em que condições?*”, cuja resposta foi: “*Facilmente, se o vivente dorme.*” Eis o seu comentário:

Se uma pessoa viva for evocada no estado de vigília, pode adormecer no momento da evocação, ou, pelo menos, experimentar um entorpecimento e uma suspensão das faculdades sensitivas; mas, muito frequentemente, a evocação não dá resultado, sobretudo se não for feita com uma intenção séria e benevolente. (KARDEC, 2001, p. 138, grifo nosso).

A relação direta da necessidade de o Espírito não utilizar o corpo físico é condição *sine qua non* para que o Espírito de uma pessoa viva possa se manifestar; é o que se estabelece aqui e ficará mais claro, ainda, no que depreenderemos do pensamento de Kardec, ao longo deste estudo.

As questões relativas à manifestação de Espírito de pessoa viva se encontram em *O Livro dos Médiuns*. Para que fique claro quais as bases doutrinárias contidas nas explicações, tomemos de sua “Introdução” o seguinte trecho:



Importantes melhorias foram introduzidas na segunda edição, muito mais completa do que a primeira [*Instrução Prática*]. Foi corrigida com especial cuidado pelos Espíritos, que lhe acrescentaram grande número de notas e instruções do mais alto interesse. Como eles reviram tudo, aprovando-a ou modificando-a à vontade, pode-se dizer que ela é, em grande parte, obra deles, porque a sua intervenção não se limitou a alguns artigos que assinaram. [...]. (KARDEC, 2013a, p. 11, grifo nosso).

É importante chamar a atenção para o fato de que essa obra foi revisada e corrigida pelos Espíritos; portanto, essa é a base segura com a qual devemos procurar entender a questão.

As informações relativas ao tema constam no Capítulo XXV - Das evocações, item 284 que trata, especificamente, da “**Evocação de pessoas vivas**”, do qual destacamos as seguintes questões:

37. *A encarnação do Espírito constitui obstáculo absoluto à sua evocação?*

“Não, mas **é necessário que o estado do corpo permita que no momento da evocação o Espírito se desprenda**. Quanto mais elevado for em categoria o mundo onde se acha o Espírito encarnado, tanto mais facilmente ele virá, porque em tais mundos os corpos são menos materiais.”

38. *Pode-se evocar o Espírito de uma pessoa viva?*

“Sim, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. **O Espírito de um vivo também pode, em seus momentos de liberdade, se apresentar sem ser evocado**, dependendo da simpatia que tenha pelas pessoas com quem se comunica.”

39. *Em que estado se acha o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?*

“**Dorme, ou cochila**; é quando o Espírito está livre.”

42. *O Espírito de uma pessoa evocada durante o sono comunica-se tão livremente como o de uma pessoa morta?*

“Não; a matéria sempre o influencia em maior ou menor grau.”

OBSERVAÇÃO – Uma pessoa, que se achava nesse estado e a quem foi feita essa pergunta, respondeu: “Estou sempre ligada à grilhetas que arrasto comigo”.

42-a. *Nesse estado, o Espírito poderia ser impedido de vir, por se achar em outra parte?*

“Sim, pode acontecer que o Espírito esteja num lugar onde deseje permanecer e então não atende à evocação, sobretudo quando feita por quem não o interessa.”

43. *É absolutamente impossível evocar-se o Espírito de uma pessoa acordada?*

“Embora difícil, não é absolutamente impossível, porque a evocação *produz efeito*, **pode acontecer que a pessoa adormeça**. Mas **o Espírito não pode comunicar-se, como Espírito, senão nos momentos em que a sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo**.”

OBSERVAÇÃO – Prova a experiência que a evocação feita durante o estado de vigília pode provocar o sono, ou, pelo menos, um torpor aproximado do sono, embora semelhante efeito só se possa produzir por ato de uma vontade muito enérgica e se existirem laços de simpatia entre as duas pessoas; de outro modo, a evocação *nenhum resultado dá*. Mesmo no caso de a evocação poder provocar o sono, se o momento é inoportuno, a pessoa, não querendo dormir, oporá resistência e, se sucumbir, seu Espírito ficará perturbado e dificilmente responderá. Conclui-se daí que o momento mais favorável para a evocação de uma pessoa viva é o do sono natural, porque, estando livre, seu Espírito pode vir ter com aquele que o chama, da mesma maneira que pode ir a outro lugar. Quando a evocação é feita com consentimento da pessoa e esta procura dormir para esse efeito, pode acontecer que essa preocupação retarde o sono e perturbe o Espírito. Por isso, o sono não forçado é sempre preferível. (KARDEC, 2013a, p. 314-315, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Então, se conclui que a condição, para que um Espírito de uma pessoa viva possa se manifestar, se prende ao estado em que ela se encontra, quer dizer, se desperta ou dormindo. A manifestação mais facilmente ocorrerá no estado de sono, que deve ser o preferível, pois “*é necessário que o estado do corpo permita que no momento da evocação o Espírito se desprenda*.”

Acrescentemos, ainda, a essa lista acima:

46-a. *O Espírito de um sonâmbulo poderia responder a uma pessoa que o evocasse à distância e, ao mesmo tempo que respondia verbalmente a outra pessoa?*

“**A faculdade de se comunicar simultaneamente em dois lugares diferentes só pertence aos Espíritos completamente desprendidos da matéria**.” (KARDEC, 2013a, p. 316, grifo nosso).

Por “*Espíritos completamente desprendidos da matéria*”, só se pode entender, em relação a nós habitantes da Terra, que somente os desencarnados é que podem se manifestar em dois lugares, fato que ocorre pelo dom da ubiquidade, assunto tratado no item 282 – Perguntas sobre evocações:

30. *O Espírito evocado simultaneamente em muitos lugares pode responder ao mesmo tempo às perguntas que lhe são dirigidas?*

“Pode, se for Espírito elevado.”

30-a. *Nesse caso, o Espírito se divide ou possui o dom da ubiquidade?*

“O Sol é um só e, no entanto, irradia ao seu redor, levando longe seus raios, sem se dividir. Do mesmo modo, os Espíritos. O pensamento do Espírito é como uma centelha que projeta longe a sua claridade e pode ser vista de todos os pontos do horizonte. Quanto mais puro é o Espírito, tanto mais o seu pensamento *irradia* e se estende como a luz. Os Espíritos inferiores são mais materiais; não podem responder senão a uma única pessoa de cada vez, nem vir a um lugar, se são chamados em outro. Já um Espírito superior, chamado ao mesmo tempo em pontos diferentes, res-



ponderá a ambas as evocações, se as duas forem sérias e fervorosas. Em caso contrário, dará preferência à mais séria.” [...]. (KARDEC, 2013a, p. 311).

O segundo detalhe importante nessa análise, se encontra na “Introdução” de *A Gênese*, quando Kardec explica:

Aliás, os leitores assíduos da *Revista Espírita* já devem ter notado, sem dúvida sob a forma de esboços, a maioria das ideias desenvolvidas aqui nesta obra, conforme o fizemos, com relação às anteriores. **Muitas vezes a Revista representa, para nós, um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como parte constitutiva da Doutrina.** (KARDEC, 2007a, p. 11-12, grifo nosso).

As orientações do Codificador são claras e define a *Revista Espírita* como que um campo de ensaio destinado a “sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como partes constitutivas da doutrina”.

Como a justificativa do autor se baseia exatamente numa mensagem isolada de “Um Espírito” publicada na *Revista Espírita*, por si só ela não cabe como ponto de valor doutrinário, uma vez que, a olhos vistos, se trata de uma opinião pessoal de um Espírito, sobre a qual diria Kardec: “pode ser justa ou não.” Há um adágio popular que se enquadra bem ao fato: “Uma andorinha só, não faz verão.”

Nessa mesma *Revista Espírita* de 1867, que se toma para basear os argumentos, também encontramos algo interessante no artigo sobre “Os pressentimentos e os prognósticos”, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

Para ser advertido, de maneira oculta, do que se passa ao longe e cujo conhecimento não podemos ter senão num futuro mais ou menos próximo pelos meios comuns, é preciso que alguma coisa se desembarace de vós, veja e ouça o que não podemos perceber pelos olhos e pelos ouvidos, para dela reportar a intuição ao nosso cérebro. Essa alguma coisa deve ser inteligente, uma vez que compreende, e que, frequentemente, de um fato atual prevê as consequências futuras; é assim que temos, às vezes o pressentimento do futuro. Essa alguma coisa não é outra do que nós mesmos, nosso ser espiritual, que não está confinado no corpo como um pássaro numa gaiola, mas que, semelhante a um balão cativo, se afasta momentaneamente da terra, sem deixar de a ela estar ligado.

É sobretudo nesses momentos em que o corpo repousa, durante o sono, e **o Espírito, aproveitando o repouso, que ele deixa o cuidado de seu envoltório, recobra em parte a sua liberdade** e vai haurir, no espaço, entre outros Espíritos, encarnados como ele ou desencarnados, e naquilo que vê, as ideias das quais traz a intuição ao despertar. **Essa emancipação da alma, frequentemente, tem lugar no estado de vigília, nos momentos de absorção, de meditação e de devaneio, onde a alma pare-**

ce não estar mais preocupada com a Terra; sobretudo, ela ocorre, de maneira mais efetiva e mais ostensiva, nas pessoas dotadas do que se chama *dupla vista* ou *visão espiritual*. (KARDEC, 1999b, p. 338, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

A emancipação da alma, no estado de vigília, é a condição indispensável para que o Espírito de pessoa viva possa se manifestar; ela só pode ocorrer “nos momentos de absorção, de meditação e de devaneio”, situações que não permitem ao encarnado estar consciente. Por não estar literalmente dormindo é que se diz que está em estado de vigília, termo, certamente, não apropriado para designar esse estado. É um estado em que a pessoa, estando acordada, demonstra estar “distante”, com o pensamento longe do que acontece ao seu redor.

Outros estados de consciência são aqui mencionados:

Durante a vida exterior de relação, o corpo tem necessidade de sua alma ou Espírito por guia, a fim de dirigi-lo no mundo; mas **nos momentos de inatividade do corpo, a presença da alma não é mais necessária; dele se liberta,** sem, no entanto, deixar de estar-lhe presa por um laço fluídico que a chama desde que a necessidade de sua presença se faça sentir; nesses momentos ela recobra em parte a liberdade de agir e de pensar da qual não gozará completamente senão depois da morte do corpo, quando dele estará completamente separada. [...].

Esse estado, que chamamos *emancipação da alma*, ocorre normalmente e periodicamente durante o sono; só o corpo repousa para recuperar suas perdas materiais; mas o Espírito, que nada perdeu, aproveita esse descanso para se transportar onde quer. Além disto, **ocorre excepcionalmente todas as vezes que uma causa patológica, ou simplesmente fisiológica, produz a inatividade total ou parcial dos órgãos da sensação e da locomoção; é o que se passa na catalepsia, na letargia, no sonambulismo.** O desligamento ou, querendo-se, a liberdade da alma é tanto maior quanto a inércia do corpo é mais absoluta; é por esta razão que o fenômeno adquire o seu maior desenvolvimento na catalepsia e na letargia. (KARDEC, 1993b, p. 23-24, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Muito importante é a colocação de que, na vida de relação, o corpo tem necessidade da alma, o que nos leva a concluir que, no estado de vigília, no sentido próprio do termo, não há como o Espírito se afastar do corpo e manter essa vida de relação; nessa situação, não conseguirá controlar ou agir no próprio corpo do qual temporariamente se afastou.

Temos que voltar a um ponto já dito por nós, inúmeras vezes, mas que é útil para confirmar a presente análise.

Tanto em *O Livro dos Espíritos* quanto em *O Livro dos Médiuns*, os Espíritos afirmaram a Kardec que na mediunidade não há posse física do corpo de um encarnado por um desencarnado, o que é conhecido como *posseção*. O que, infelizmente, poucos Espíritos sabem é que



na *Revista Espírita* de 1863, mês de dezembro, Kardec publica o caso da Senhorita Julie, a partir da análise do qual ele radicalmente muda de opinião. Essa nova visão sobre a possessão foi parar na sua última obra publicada – *A Gênese* –, passando, portanto, a ser um ponto doutrinário.

Procedimento idêntico não foi feito com a questão da possibilidade da manifestação do Espírito de um vivo no estado de vigília. Logo, vale as explicações contidas no item 284 – Evocação de pessoas vivas, de *O Livro dos Médiuns*, acima transcrito.

Para reforçar, traremos, agora, alguns trechos do livro *Obras Póstumas* que, apesar de não ter sido publicado por Kardec, seu teor compõe-se de manuscritos pessoais que foram encontrados após seu retorno ao mundo espiritual.

No capítulo “Manifestações dos Espíritos”, há uma referência a aparição de pessoas vivas - bicorporeidade, do qual transcrevemos:

A faculdade, que a alma possui, de emancipar-se e de desprender-se do corpo durante a vida pode dar lugar a fenômenos análogos aos que os Espíritos desencarnados produzem. **Enquanto o corpo se acha mergulhado em sono, o Espírito, transportando-se a diversos lugares, pode tornar-se visível e aparecer sob uma forma vaporosa, quer em sonho, quer em estado de vigília.** Pode igualmente apresentar-se sob forma tangível, ou, pelo menos, com uma aparência tão idêntica à realidade, que possível se torna a muitas pessoas estar com a verdade, ao afirmarem tê-lo visto ao mesmo tempo em dois pontos diversos. Ele, com efeito, estava em ambos, mas apenas num se achava o corpo verdadeiro, achando-se no outro o Espírito. Foi este fenômeno, aliás muito raro, que deu origem à crença nos homens duplos e que se denomina de bicorporeidade. (KARDEC, 2006, p. 62, grifo nosso).

A condição da emancipação do Espírito para apresentar-se em outro local é que “*o seu corpo se acha mergulhado em sono*”. Desprendido o seu Espírito, que é de uma pessoa viva, pode aparecer para outra pessoa quando essa estiver dormindo ou em estado de vigília, simples assim.

Para esclarecer um pouco mais a questão dos “homens duplos”, Kardec escreve um artigo sobre isso. Vamos encontrá-lo um pouco à frente no capítulo intitulado “Dos homens duplos e das aparições de pessoas vivas”, do qual mencionaremos alguns trechos, porque os julgamos importantes para esse nosso estudo.

É fato hoje comprovado e perfeitamente explicado que **o Espírito, isolando-se de um corpo vivo, pode, com auxílio do seu envoltório fluido-perispirítico, aparecer em lugar diferente do em que está o corpo material.** Até ao presente, porém, a teoria, de acordo com a experiência, parece demonstrar que essa separação somente durante o sono se dá, ou, pelo menos, durante a inatividade dos sentidos corpóreos. [...] (KARDEC, 2006, p. 83, grifo nosso).

Kardec, aqui, é claro ao dizer “*a teoria, de acordo com a experiência, parece demonstrar que essa separação*

somente durante o sono se dá, ou, pelo menos, durante a inatividade dos sentidos corpóreos.” Essa convicção surgiu como resultado de suas pesquisas evocando Espíritos de pessoas vivas, conforme vários relatos na *Revista Espírita*. Porém, como nunca agiu de forma ortodoxa, sempre abrindo a mente para outras possibilidades, utilizou-se da palavra “parece”, porque, na sequência, ele apresentará alguns fatos, dizendo: “*Se são exatos, os fatos seguintes provam que ela igualmente se produz no estado de vigília.*” (KARDEC, 2006, p. 83). Cita a obra *Os Fenômenos Místicos da Vida Humana*, de Maximiliano Perty (1804-1884), professor da Universidade de Berne, publicada em 1861, da qual lista nove casos.

Chamou-nos atenção o ano de publicação dessa obra de Perty, pois foi neste ano que Kardec publicou as duas primeiras edições de *O Livro dos Médiuns* - 1ª edição, em janeiro e a 2ª em novembro (KARDEC, 1993c, p. 361). Significa que é bem provável que Kardec tenha lido Perty antes de publicar a 2ª edição; e como nessa edição manteve a sua opinião, vale, portanto, como ponto doutrinário, o que acima foi transcrito da 2ª edição de *O Livro dos Médiuns* sobre a manifestação de Espírito de pessoas vivas.

Mencionaremos apenas dois dos casos citados por Perty, uma vez que Kardec, em *Obras Póstumas*, tece considerações sobre cada um deles, que são extremamente oportunas para entendermos o tema:

1. “Um camponês proprietário foi visto, pelo seu cocheiro, na cavalaria, com o olhar dirigido para os animais, no momento mesmo em que estava a comungar na igreja. Narrando o fato, mais tarde, ao seu pastor, perguntou-lhe este em que pensava ele no momento da comunhão. - Para dizer a verdade, respondeu o camponês, pensava nos meus animais. - Aí está explicada a sua aparição, replicou o eclesiástico.”

Estava com a verdade o pastor, porquanto, sendo o pensamento atributo essencial do Espírito, tem este que se achar onde se ache o seu pensamento. **A questão é saber se, no estado de vigília, pode o desprendimento do perispírito ser suficientemente grande para produzir uma aparição, o que implicaria um como desdobramento do Espírito, uma de cujas partes animaria o corpo fluídico e a outra o corpo material.** Nada terá isto de impossível, se considerarmos que, quando o pensamento se concentra num ponto distante, o corpo apenas atua maquinalmente, por efeito de uma espécie de impulsão mecânica, o que se verifica, sobretudo, com as pessoas distraídas. A vida espiritual acompanha o Espírito. **É, pois, provável que o homem de quem se trata haja tido, naquele momento, uma distração forte** e que os seus animais o preocupavam mais do que a comunhão. (KARDEC, 2006, p. 83-84, grifo nosso).

Vê-se que Kardec age de modo muito criterioso ao analisar o caso apresentado, não o aceitando como prova de manifestação do Espírito de uma pessoa viva por absoluta falta de comprovação, já que para ele “**É, pois, provável que o homem de quem se trata haja tido, naquele momento, uma distração forte.**”



Este outro fato é da mesma categoria; apresenta, porém, uma particularidade mais notável:

2. “O juiz de cantão, J..., em Fr... mandou certo dia seu amanuense a uma aldeia dos arredores. Passado algum tempo, ele o viu entrar de novo, tomar de um livro no armário e folheá-lo. Perguntou-lhe bruscamente por que ainda não fora onde o mandara. A essas palavras, o amanuense desapareceu. O livro caiu no chão e o juiz o coloca em cima de uma mesa, aberto como caíra. À tarde, de regresso o amanuense, o juiz o interrogou sobre se lhe acontecera alguma coisa em caminho, se tinha voltado à sala onde naquele momento se achavam. – Não, respondeu o amanuense; fiz a viagem na companhia de um amigo; ao atravessarmos a floresta, pusemo-nos a discutir acerca de uma planta que encontramos e eu lhe disse que, se estivesse em casa, fácil me seria mostrar-lhe uma página de Lineu que me daria razão.

Era justamente esse o livro que ficara aberto na página indicada.” (KARDEC, 2006, p. 84-85).

As considerações de Kardec sobre este outro caso de Perty, são as seguintes:

Por muito extraordinário que pareça o fato, não se poderia tachá-lo de materialmente impossível, por isso que **ainda longe estamos de conhecer todos os fenômenos da vida espiritual. Contudo, faz-se mister a confirmação.** Num caso desses, **seria preciso comprovar, de maneira positiva, o estado do corpo no momento da aparição. Até prova em contrário, duvidamos de que o fato seja possível, desde que o corpo se ache em atividade inteligente.** (KARDEC, 2006, p. 85, grifo nosso).

Da mesma forma que no caso anterior, Kardec, “o bom senso encarnado”, não aceita a descrição do fenômeno porque as provas também não foram apresentadas. Isso é agir com critério científico, sem crença cega ou justificativa superficial que, infelizmente, ocorre às vezes no meio espírita.

A sua finalização do comentário é algo digno de se repetir, porquanto, ela demonstra claramente o pensamento de Kardec sobre o tema que estamos estudando: “*Até prova em contrário, duvidamos de que o fato seja possível, desde que o corpo se ache em atividade inteligente.*”

Em relação aos sete outros casos, vejamos o que Kardec disse sobre eles:

Os que seguem bem mais extraordinários são e francamente confessamos que nos inspiram dúvidas ainda maiores. Compreende-se facilmente que a aparição do Espírito de uma pessoa viva seja vista por uma terceira pessoa, porém **não que um indivíduo possa ver a sua própria aparição**, principalmente nas condições abaixo referidas. (KARDEC, 2006, p. 85, grifo nosso).

Kardec fala de forma mais abrangente sobre a obra de Perty e também sobre as manifestações de Espírito de pessoa viva:

A obra do Sr. Perty contém grande número de fatos deste gênero. **É de notar-se que, em todos os casos citados, o princípio inteligente se mostra do mesmo modo ativo nos dois indivíduos e, até, mais ativo no ser material, quando o contrário é que deveria dar-se.** Mas, o que nos parece radicalmente impossível é que haja antagonismo, divergência de ideias, de pensamentos e de sentimentos nos dois seres. Entretanto, essa divergência é manifesta, sobretudo, no fato nº 4, em o qual um previne o outro de sua morte, e no nº 7, em que a imperatriz manda fazer fogo contra o seu outro eu.

Admitindo-se a divisão do perispírito e uma força fluídica suficiente a manter a atividade normal no corpo; supondo-se também a divisão do princípio inteligente, ou uma irradiação sua capaz de animar os dois seres e de lhe facultar uma espécie de ubiquidade, esse princípio, que é uno, tem que se conservar idêntico; não poderia, pois, haver, de um lado, uma vontade que não existisse do outro, a menos se admita que haja Espíritos gêmeos, como há corpos gêmeos, isto é, que dois Espíritos se identifiquem para encarnar num só corpo, o que não é concebível.

Se, em todas essas histórias fantásticas, alguma coisa há que se deva guardar, também há muito que repudiar, havendo ainda a parte pertencente à lenda. Longe de nos induzir a aceitá-las cegamente, o Espiritismo nos ajuda a separar o verdadeiro do falso, o possível do impossível, mediante leis que nos revela, concernentes à constituição e ao papel do elemento espiritual. Não nos apressemos, todavia, em rejeitar *a priori* tudo o que não compreendemos, porque muito distante estamos de conhecer todas as leis e porque a natureza ainda nos não patenteou todos os seus segredos. **O mundo invisível é um campo ainda novo de observações e seríamos presunçosos se pretendêssemos haver sondado todas as suas profundezas, quando incessantemente novas maravilhas se ostentam aos nossos olhos.** Entretanto, **há fatos cuja impossibilidade material a lógica e as leis conhecidas demonstram.** [...]. (KARDEC, 2006, p. 87-89, grifo nosso).

Tal qual pregava, Kardec agia: lógica e bom senso!

Para completar esse nosso estudo temos que voltar à obra *O Livro dos Médiuns* para ver o que consta nela sobre bicorporeidade:

114. A bicorporeidade e a transfiguração são variedades do fenômeno das manifestações visuais e, por mais maravilhosos que possam parecer à primeira vista, facilmente se reconhecerá, pela explicação que deles se pode dar, que não estão fora da ordem dos fenômenos naturais. **Ambos se fundamentam no princípio de que tudo o que foi dito sobre as propriedades do perispírito após a morte também se aplica ao perispírito dos vivos. Sabemos que durante o sono o Espírito recobra parcialmente a sua liberdade, isto é, isola-se do corpo**, e foi nesse estado que, em muitas ocasiões, tivemos a chance de



observá-los. Mas o Espírito, quer o homem esteja vivo, quer morto, traz sempre o seu envoltório semi-material que, pelas mesmas causas de que já narramos, pode adquirir a visibilidade e a tangibilidade. Há fatos bastante positivos, que não podem deixar qualquer dúvida a tal respeito. [...] (KARDEC, 2013a, p. 125, grifo nosso).

Na explicação, Kardec já deixa claro que tais fenômenos ocorrem durante o sono, ou seja, não são possíveis no estado de vigília.

Avançemos para um item mais à frente:

119. Voltemos ao nosso assunto. **Quando isolado do corpo, o Espírito de uma pessoa viva, do mesmo modo que o Espírito de alguém que morreu, pode mostrar-se com todas as aparências da realidade.** Além disso, pelos mesmos motivos que já explicamos, pode adquirir tangibilidade momentânea. Foi este fenômeno, designado de *bicorporeidade*, que deu motivo às histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar. Citamos aqui dois exemplos, tirados, não das lendas populares, mas da história eclesiástica.

Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua [...].

Resolvemos evocar e interrogar Santo Afonso acerca do fato acima. Eis as respostas que ele nos deu:

1. *Poderias explicar-nos esse fenômeno?*

“Perfeitamente. Quando o homem, por suas virtudes, chegou a desmaterializar-se completamente; quando conseguiu elevar sua alma para Deus, **pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo.** Eis como: ao sentir que lhe vem o sono, o Espírito encarnado pode pedir a Deus lhe seja permitido transportar-se a um lugar qualquer. **Seu Espírito, ou sua alma, como quiseres, abandona então o corpo, acompanhado de uma parte do seu perispírito, e deixa a matéria impura num estado próximo do da morte.** Digo próximo do da morte, porque no corpo ficou um laço que liga o perispírito e a alma à matéria, laço este que não pode ser definido. O corpo aparece, então, no lugar desejado. Creio ser isto o que queres saber.”

2. *Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito.*

“Estando desprendido da matéria, de acordo com o seu grau de elevação, o Espírito pode tornar-se tangível à matéria.”

3. *O sono do corpo é indispensável para que o Espírito apareça noutros lugares?*

“**A alma é capaz de dividir-se**, desde que se sinta atraída para um lugar diferente daquele onde se acha seu corpo. Pode acontecer que o corpo não durma, embora isto seja muito raro. **Em todo o caso, jamais se encontrará num estado perfeitamente normal; estará sempre num estado mais ou menos extático.**”

OBSERVAÇÃO – **A alma não se divide, no sentido literal do termo: irradia-se para diversos lados e pode assim manifestar-se em muitos pontos**, sem se haver fracionado. Dá-se o que se dá com a luz, que pode refletir-se simultaneamente em muitos espelhos. (KARDEC, 2013a, p. 129-130, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

Situação também que ocorre no estado de sono. A correção de Kardec sobre a divisão da alma é oportuna, pois se nada falasse, a afirmação do Espírito geraria além de confusão uma contradição com a questão 137 de *O Livro dos Espíritos*, que adiante citaremos (p. 12).

Vejam, resumidamente, o que aconteceu aos santos citados:

Santo Afonso de Liguóri foi canonizado por se ter mostrado simultaneamente em dois lugares diferentes. **Achando-se adormecido em Arienzo, pôde assistir à morte do papa Clemente XIV, em Roma**, e anunciou, ao despertar, que acabava de ser testemunha desse acontecimento.

O caso de **Santo Antônio de Pádua** é célebre. **Estando em Pádua a pregar, interrompeu-se de repente, em meio do sermão e adormeceu. Nesse mesmo instante, em Lisboa**, seu pai, acusado falsamente de homicídio, era conduzido ao suplício. Santo Antônio aparece, demonstra a inocência de seu pai e faz conhecer o verdadeiro culpado. (DENIS, 1987, p. 147, grifo nosso).

O detalhe comum a esses dois casos é que ambos os seus personagens estavam adormecidos, comprovando, portanto, a tese que estamos defendendo.

Apresentaremos agora um comentário de Kardec que põe fim à crença de que as **manifestações** de Espírito de pessoas vivas podem ocorrer em estado de vigília.

121. O indivíduo que se mostra simultaneamente em dois lugares diferentes tem, portanto, dois corpos. Mas desses dois corpos, somente um é real, o outro é simples aparência. Pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e que o segundo tem a vida da alma. Quando o indivíduo desperta, os dois corpos se reúnem e a vida da alma volta ao corpo material. **Não parece possível - pelo menos não temos exemplo algum do fato e a razão o demonstra - que, quando separados, os dois corpos possam gozar, simultaneamente e no mesmo grau, da vida ativa e inteligente.** [...]. (KARDEC, 2013a, p. 131, grifo nosso).

Portanto, isso mostra que é totalmente impossível a manifestação de um Espírito de pessoa viva através de um médium e, ao mesmo tempo, ele conversar com outras pessoas através de seu próprio corpo. Pior ainda é considerar que o Espírito faça isso se manifestando em uma das suas personalidades de vidas passadas, como querem alguns para justificarem suas crenças.

É interessante analisar o contexto da explicação da entidade, que se denominou “Um Espírito”, citada no início e publicada na *Revista Espírita* de 1867, e que serviu de base da argumentação de que o Espírito de uma pessoa viva pode se manifestar em estado de vigília.



No mês de março da *Revista Espírita* de 1867, em “Dissertações Espíritas” temos o artigo intitulado “COMUNICAÇÃO COLETIVA” (KARDEC, 1999a, p. 80-85). Informa-nos Kardec que ela se deu na Sociedade de Paris, a 1º de novembro de 1866, tendo como médium M. Bertrand, em quem se manifesta o Espírito Slener, seu guia, que reporta haver vários Espíritos presentes à reunião e que gostariam de se comunicar (manifestar), mas era humanamente impossível dado ao número de médiuns presentes. Termina sua explicação dizendo: “*Agora, caros amigos, todos os Espíritos protetores virão lhes dar o seu pensamento. Tu, médium, escuta e deixa teu lápis ir segundo a sua ideia*”. (grifo nosso).

Não podemos seguir adiante sem entender o que, exatamente, são os Espíritos protetores:

489. *Há Espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para protegê-lo?*

“Sim, o irmão espiritual. É o que chamais o Espírito bom ou gênio bom.”

490. *Que se deve entender por anjo de guarda ou anjo guardião?*

“O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.”

491. *Qual a missão do Espírito protetor?*

“A de um pai com relação aos filhos: conduzir seu protegido pelo bom caminho, ajudá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições e encorajá-lo nas provas da vida.”

519. *As aglomerações de indivíduos, como as sociedades, as cidades, as nações, têm seus Espíritos protetores especiais?*

“Sim, pois as aglomerações são individualidades coletivas que marcham para um objetivo comum e que precisam de uma direção superior.”

(KARDEC, 2013b, p. 238 e 247).

A não ser que tenhamos um entendimento equivocado, os Espíritos protetores estão no estado errante; portanto, não há sentido em se dizer que estão encarnados; daí, segue-se, por óbvio, que todos os Espíritos que estavam nessa reunião eram **desencarnados**, ou, numa outra hipótese, encarnados em mundos muito superiores à Terra, essa parece-nos ser a possibilidade diante dessas colocações de Kardec à resposta da questão 495, de *O Livro dos Espíritos*:

[...] Que haverá então de surpreendente em que os Espíritos, de um mundo a outro possam guiar os que tomaram sob sua proteção, uma vez que para eles a distância que separa os mundos é menor do que a que, neste planeta, separa os continentes? Não dispõem, além disso, do fluido universal que interliga todos os mundos e os torna solidários, veículo imenso da transmissão dos pensamentos, assim como o ar, para nós, é o veículo da transmissão do som? (KARDEC, 2013b, p. 241).

Cabe, aqui, acrescentarmos uma consideração feita pelo Parecerista que analisou o presente artigo.

No trecho da mensagem de “Um Espírito”, publicada na *Revista Espírita* de 1867, há um detalhe que enfraquece qualquer tentativa de utilizá-la como base para a hipótese de que seja possível o Espírito de um encarnado se manifestar através de um médium estando, ao mesmo tempo, em estado de vigília. Vamos reescrever o que o Espírito disse:

“Os Espíritos de um certo grau de adiantamento têm uma irradiação que lhes permite se comunicar simultaneamente em vários pontos. **Em alguns, o estado de encarnação não amortece essa irradiação** de maneira bastante completa para os impedir de se manifestarem mesmo no estado de vigília.” (KARDEC, 1999a, p. 85, grifo nosso).

Vemos que a primeira frase está correta. É necessário certo adiantamento do Espírito para irradiar para vários pontos ao mesmo tempo. Mas a segunda frase é destituída de clareza. O Espírito disse “*Em alguns, o estado de encarnação não amortece essa irradiação...*” (grifo nosso). O que o Espírito quis dizer com “estado de encarnação”? Essa expressão é muito vaga e pode significar, simplesmente, o estado de encarnação em mundos muito mais avançados que o nosso, onde o corpo físico é mais sutil, delicado, e os Espíritos menos presos a ele. Logo, a própria afirmação do Espírito não é clara o bastante para se concluir que seja possível a um encarnado aqui na Terra, em estado de vigília, se desdobrar e se manifestar através de um médium em outro lugar.

É importante atentar para o final da resposta à questão 37 do item 284 – Evocação de pessoas vivas de *O Livro dos Médiuns*, onde se estabelece a condição de um Espírito encarnado se manifestar: “*Quanto mais elevado for em categoria o mundo onde se acha o Espírito encarnado, tanto mais facilmente ele virá, porque em tais mundos os corpos são menos materiais*” (KARDEC, 2013a, p. 314, grifo nosso), ou seja, isso não se aplica aos que se acham encarnados na Terra, um planeta de provas e expiações.

Na questão 510, de *O Livro dos Espíritos*, em que Kardec pergunta se um pai que vela pelo filho reencarna, continua a velar por ele, algo interessante está contido na resposta:

“Isso é mais difícil, mas ele roga, num momento de despreendimento, que um Espírito simpático o assista nessa missão. Ademais, os Espíritos só aceitam missões que possam desempenhar até o fim. **O Espírito encarnado, sobretudo onde a existência é material, acha-se sujeito demais ao corpo para poder dedicar-se inteiramente a outro Espírito**, isto é, para poder assisti-lo pessoalmente. [...]” (KARDEC, 2013b, p. 244, grifo nosso).

Fica aí, então, demonstrado que um Espírito encarnado não tem como exercer a função de protetor, por duas razões; a primeira é que não assume missão que não possa desempenhar até o fim, e segundo, pelo fato de achar-se sujeito demais ao corpo físico.

Outro ponto, que não podemos nos esquecer é sobre os nomes que a si dão os Espíritos. Vejamos o que se en-



contra em *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIV - Identidade dos Espíritos, item 258:

3. *Muitos Espíritos protetores se designam pelos nomes de santos ou de personagens conhecidas. Que se deve pensar a esse respeito?*

“Nem todos os nomes de santos e de personagens conhecidas seriam suficientes para fornecer um protetor a cada homem. **Entre os Espíritos, são poucos os que têm nome conhecido na Terra, razão por que, na maioria das vezes, eles não declaram nenhum nome.** Vós outros, porém, quase sempre quereis um nome; então, **para vos satisfazer, o Espírito toma o de um homem que conhecestes e a quem respeitais.**”

5. *Assim, quando um Espírito protetor diz ser São Paulo, por exemplo, não é certo que seja mesmo o Espírito, ou a alma, do apóstolo que teve esse nome?*

“De maneira alguma, pois há milhares de pessoas às quais foi dito que têm Paulo, ou qualquer outro santo, por anjo da guarda. Mas que vos importa isso, contanto que o Espírito que vos proteja seja tão elevado quanto Paulo? **Como eu já disse, precisais de um nome; então eles tomam um para que os possais chamar e reconhecer, do mesmo modo que tomais os nomes de batismo para vos distinguirdes dos outros membros da vossa família.** Podem tomar perfeitamente os nomes dos arcanjos Rafael, Miguel, etc., sem que isto acarrete maiores consequências. Além disso, quanto mais elevado é um Espírito, tanto mais dilatada é a sua irradiação. **Tende como certo que um Espírito protetor de ordem mais elevada pode ter sob a sua tutela centenas de encarnados.** Entre vós, na Terra, há tabeliães que se encarregam dos negócios de cem ou duzentas famílias. Por que haveríeis de supor que fôssemos menos aptos, espiritualmente falando, para a direção moral dos homens, do que os tabeliães para a direção material de seus interesses?” (KARDEC, 2013a, p. 287-288, grifo nosso).

Entendemos que se apegar aos nomes que os Espíritos usam como se fosse realmente os seus nomes, é pura falta de conhecimento doutrinário. E daí, é pouco recomendável querer estabelecer reencarnações de uma pessoa, utilizando-se apenas dos nomes que os Espíritos a si designam.

Voltando à questão sobre a Comunicação Coletiva, segue-se uma lista dos pensamentos de 46 **Espíritos protetores**. Entre eles encontramos Platão, Sócrates e São Luís, que são nomes que estão entre os que assinaram o texto em “Prolegômenos” de *O Livro dos Espíritos*, e, muitas vezes, aparecem nas mensagens constantes das obras da Codificação. Transcreveremos o que vem logo após:

Nota. Este gênero de comunicação levanta uma questão importante. Como os fluidos de um número muito grande de Espíritos podem se assimilar quase instantaneamente com o fluido do médium, para transmiti-lhe seu pensamento, ao passo que essa assimilação, frequentemente, é difícil da parte de um só Espírito, e não se estabelece, geralmente, senão com o tempo?

O guia espiritual do médium parece tê-lo previsto, porque dois dias depois deu, espontaneamente a explicação adiante.

“A comunicação que obtivestes no dia de Todos os Santos, assim como a última que dela é o complemento, embora nela haja nomes repetidos, foram obtidas da maneira seguinte: como sou teu Espírito protetor, meu fluido é similar ao teu. Coloquei-me acima de ti, transmitindo-te, o mais exatamente possível, os pensamentos e os nomes dos Espíritos que desejaram se manifestar. Eles formaram ao redor de mim uma assembleia cujos membros ditavam, alternativamente, todos os pensamentos que te transmiti. Isto foi espontâneo, e o que tornou naquele dia as comunicações mais fáceis, foi que os Espíritos presentes tinham saturado o apartamento com os seus fluidos.

Quando um Espírito se comunica com um médium, ele o faz com tanto mais facilidade quanto as relações fluídicas estejam melhor estabelecidas entre eles, senão o Espírito é obrigado, para comunicar seu fluido ao médium, a estabelecer uma espécie de corrente magnética que chega ao cérebro deste último; e se o Espírito, em razão de sua inferioridade, ou de qualquer outra causa, não pode estabelecer essa corrente ele mesmo, ele recorre à assistência do guia do médium, e as relações se estabelecem como venho de indicá-lo.”

SLENER.

(KARDEC, 1999a, p. 84-85, grifo nosso).

No evento, houve uma comunicação coletiva na qual se manifestava o Espírito guia do médium que agiu como um porta-voz para transmitir o pensamento de vários Espíritos. A sutileza da ocorrência está no seguinte: não houve manifestação de vários Espíritos, mas apenas a de um só. Isso implica na necessidade de distinguirmos os significados dos termos *comunicação* e *manifestação*. Em o “Vocabulário Espírita”, constante da obra *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*, vemos:

Comunicação espírita – manifestação inteligente dos Espíritos tendo por objeto uma troca contínua de pensamento entre eles e os homens. Distinguem-se em:

Comunicações frívolas – as que se referem a assuntos fúteis e sem importância;

Comunicações grosseiras – as que se traduzem por expressões que ofendem a decência;

Comunicações sérias – as que excluem a frivolidade, qualquer que seja o assunto de que tratem;

Comunicações instrutivas – as que têm por objeto principal um ensinamento dado pelos Espíritos sobre as ciências, a moral, a filosofia, etc.

(Quanto às modalidades de comunicações, v. *Sematologia, Tiptologia, Pneumatofonia, Pneumatografia, Psicofonia, Psicografia, Telegrafia humana*).

Manifestação – ato pelo qual um Espírito revela sua presença. As manifestações são:

Ocultas – quando não têm nada de ostensivo e o Espírito se limita a agir sobre o pensamento;

Patentes – quando são apreciáveis pelos sentidos;



Físicas – quando se traduzem por fenômenos materiais, tais como ruídos, movimento e deslocamento de objetos;

Inteligentes – quando revelam um pensamento (v. *Comunicação*);

Espontâneas – quando são independentes da vontade e ocorrem sem que nenhum Espírito seja chamado;

Provocadas – quando são efeito da vontade, do desejo ou de uma evocação determinada;

Aparentes – quando o Espírito se faz visível à vista (v. *Aparição*).

(KARDEC, s/d, p. 21-22 e 40, respectivamente).

Na comunicação o Espírito, mentalmente, transmite o seu pensamento a um outro; tanto faz se está ou não encarnado, e, da mesma forma, tanto faz se o interlocutor é médium ostensivo ou não. É o que hoje denominamos de TELEPATIA. Observa-se que, neste caso, não há nenhum médium servindo de intermediário. Em *O Livro dos Espíritos*, temos no Cap. VIII - Emancipação da Alma o item “**Transmissão oculta do pensamento**”:

420. *Os Espíritos podem comunicar-se, se o corpo estiver completamente acordado?*

“O Espírito não se acha encerrado no corpo como numa caixa; irradia por todos os lados. Por isso **pode comunicar-se com outros Espíritos, mesmo em estado de vigília**, embora o faça mais dificilmente.” (KARDEC, 2013b, p. 214-215, grifo nosso).

Não resta dúvida de que a transmissão oculta do pensamento pode se dar com um Espírito em estado de vigília, mas não é sobre isso que estamos falando, já que o nosso foco é a manifestação mediúmica de um Espírito encarnado, ou seja, o Espírito de uma pessoa viva, cujo corpo está em estado de vigília, utilizando-se de um médium, o que não é o caso em questão. O máximo que poderia acontecer seria uma pessoa em estado de vigília, dirigir seu pensamento para uma outra pessoa e, esta, captar o pensamento como num processo de intuição ou inspiração. Nesse caso, a pessoa em estado de vigília não precisou se ausentar do corpo, em desdobramento, para se manifestar através de um médium. Apenas irradiou seu pensamento sem se desligar dos seus afazeres no estado de vigília. Não é deste tipo de comunicação que estamos nos referindo.

Então, a mensagem de “Um Espírito”, utilizada para “provar” que um espírito, em vigília, pode se manifestar, na verdade se reporta à transmissão oculta do pensamento – telepatia –, tendo em vista o que e a forma como lhe foi perguntado: “*como podem se comunicar os Espíritos encarnados neste mundo ou em outros*” (grifo nosso).

III O QUE DIZEM OUTROS ESTUDIOSOS

Vejamos o que os estudiosos Ernesto Bozzano (1862-1943) e Gabriel Delanne (1857-1926) descobriram a respeito do nosso tema, em suas pesquisas. A ordem que usaremos será a data de publicação de suas obras.

1) **Delanne**, em *Pesquisas sobre mediunidade* (1898), com 572 páginas, afirma:

É o que ocorre na maioria das vezes nas evocações de pessoas vivas, sobre as quais Allan Kardec, há quase meio século, publicou um estudo aprofundado na *Revista Espírita* e no *Livro dos Médiuns*. Citamos as respostas dadas pelos espíritos que ele interrogou; **veremos que concordam com tudo que observamos depois:** (18)

[Daqui para frente segue-se a lista das perguntas e respectivas respostas das questões que já mencionamos, não as transcreveremos aqui por desnecessário].

(18) Kardec, Allan, *O Livro dos Médiuns*, cap. XXV, Evocação das pessoas vivas.

(DELANNE, 2010, p. 368-369, grifo nosso).

Delanne publicou essa obra em 1898, cerca de 30 anos depois do que foi publicado na *Revista Espírita* de 1867, e que foi utilizado como base para demonstrar a possibilidade da manifestação do Espírito de pessoa viva em estado de vigília. Porém, ao mencionar sua fonte como sendo *O Livro dos Médiuns*, cap. XXV, Evocação das pessoas vivas, Delanne, logo após a fala acima, menciona exatamente as mesmas questões que citamos. Conclui dizendo “**concordam com tudo que observamos depois**”; ou seja, as suas pesquisas apontaram para o que está nelas dito. Por outro lado, isso significa que Kardec se manteve no pensamento anterior, ou seja, de que em estado de vigília um Espírito de uma pessoa viva não tem como se manifestar.

De sua obra *A alma é imortal*, publicada em 1899, transcrevemos os seguintes trechos:

No curso da vida, a alma se acha intimamente unida ao corpo, do qual não se separa completamente, senão pela morte; mas, **sob a ação de diversas influências: sono natural, sono provocado, perturbações patológicas, ou forte emoção, é-lhe possível exteriorizar-se** bastante para se transportar, quase instantaneamente, a determinado lugar e, lá chegando, tornar-se visível de maneira a ser reconhecida. Vimos dois casos de ação desse gênero: o do noivo da Sra a Randolph Lichfield e o do jovem marinheiro. (DELANNE, 1987, p. 112, grifo nosso).

E,

Vê-se, pois, que, de modo geral, **para que a alma possa desprender-se, é preciso que o corpo esteja mergulhado em sono, ou que os laços que de ordinário a prendem ao corpo se hajam afrouxado por uma emoção forte, ou pela enfermidade**. As práticas magnéticas ou os agentes anestésicos acarretam por vezes os mesmos resultados. (100)

Esta necessidade do sono durante o desdobramento se explica, primeiro, pelo fato de que a alma não pode estar simultaneamente em dois lugares diferentes; depois, a referida necessidade se pode compreender pela grande lei fisiológica do equilíbrio dos órgãos, segundo a qual **todo desenvolvimento anormal de uma parte do corpo se opera em detrimento das outras**. Se a quase totalidade da energia nervosa é empregada em produzir, no exterior, uma manifesta-



ção visível, o corpo, durante esse tempo, fica reduzido à vida vegetativa e orgânica; as funções de relação ficam temporariamente suspensas.

Pode-se mesmo, em certos casos, estabelecer uma relação direta entre a intensidade da ação perispiritual e o estado de prostração do corpo. A maior ou menor tangibilidade do fantasma se acha ligada, de maneira íntima, ao grau de energia moral do indivíduo, à tensão de seu espírito para determinado objetivo, à sua idade, à sua constituição física e, sem dúvida, à condição do meio exterior, que depois será preciso determinar.

(100) Gabriel Delanne - "O Espiritismo perante a Ciência", páginas 154 e seguintes.

(DELANNE, 1987, p. 114, grifo nosso).

Essas observações de Delanne em nada diferem das de Kardec, que conseguimos apontar nas obras da Codificação.

2) **Bozzano**, em *Comunicações mediúnicas entre vivos* (1924) e *Animismo ou Espiritismo* (1938).

Na primeira obra, é citado um caso pessoal (Caso VIII) acontecido com o Dr. Achille Uffreducci, professor na Universidade de Roma, que, a certa altura, disse:

Não houve nenhuma evocação. **Ensina a doutrina espírita que o espírito de um vivo, em seus momentos de liberdade pode se apresentar sem ser evocado, movido somente pela simpatia, mas em tal caso o corpo habitualmente dorme ou cochila.** Em novo caso, o Doutor Palica estava no teatro, e os dois amigos que se encontravam com ele afirmam que, durante todo o tempo, ele não dormiu nem cochilou. Desnecessário é gastar palavras para provar que o fenômeno não era de origem subconsciente ou automática. (BOZZANO, 1978, p. 57, grifo nosso).

No tópico "Mensagens transmitidas com auxílio de entidade espiritual", temos o Caso XXVII, do qual destacamos:

Certa personalidade mediúnica que ainda não conheço intimamente porque se manifesta há poucos meses, assina o nome de "Shamar". Diz ser de raça indiana e se afirma meu "espírito-guia". Preside e dirige quase todas as minhas sessões, dedica-se a desenvolver e a aperfeiçoar a minha mediunidade, tendo cuidado, acima de tudo, de trazer às sessões, para se comunicarem, espíritos que se demonstram sempre escrupulosamente verdadeiros. **Tal entidade me informa que agora se interessa de modo particular em trazer-me espíritos de vivos, aproveitando o momento em que estão dormindo ou cochilando.** Interessa-se pelos encarnados porque com estes é possível obter-se a prova absoluta de identificação pessoal dos espíritos comunicantes. (BOZZANO, 1978, p. 119, grifo nosso).

A entidade espiritual Shamar, guia da Sra. Hester Travers-Smith (1868-1949), esperava que as pessoas vivas estivessem dormindo ou cochilando a fim de trazer as suas almas para que se comunicassem. Por que razão o guia não trazia Espíritos de pessoas vivas em estado de

vigília? A resposta é óbvia: porque não há como o Espírito de uma pessoa viva se manifestar quando se está no estado de vigília.

Da segunda obra, ou seja, *Animismo e Espiritismo*, transcrevemos do cap. III – As comunicações mediúnicas entre vivos provam a realidade das comunicações mediúnicas com defuntos, os seguintes trechos:

Na minha monografia, eu subdividira em **sete categorias** os fenômenos das comunicações mediúnicas. Na primeira, considerei os episódios de gêneros inteiramente afins com a "transmissão do pensamento", salvo a circunstância de se produzirem *mediunicamente*. Nas outras, **considerei sucessivamente as mensagens inconscientemente transmitidas ao médium por pessoas mergulhadas em sono e por pessoas em condições de aparente vigília**; em seguida, as que foram obtidas por vontade expressa do médium, que a isso chegara pensando intensamente na pessoa distante com quem desejava comunicar-se; depois, a transmitida ao médium por vontade expressa de pessoas ausentes; a seguir, os casos de transição, em que o vivo que se comunicara era um moribundo; finalmente, as mensagens mediúnicas, entre vivos, transmitidas com o auxílio de uma entidade espiritual. (BOZZANO, 1987, p. 52, grifo nosso).

E,

Na terceira categoria, em que considerei **as mensagens involuntariamente transmitidas ao médium por pessoas em condições de aparente vigília**, ofereceu-se-me oportunidade de **demonstrar a presumível inexistência de tal forma de comunicações mediúnicas entre vivos, por falta de exemplos convenientemente circunstanciados, que valessem para demonstrar que uma pessoa em condições de vigília possa entrar involuntariamente em comunicação mediúnica com um *sensitivo* distante**, ainda que nele não pense. Ponderando-se os resultados efetivos, **dever-se-ia, ao contrário, dizer que, para se produzirem episódios semelhantes, seria indispensável, pelo menos, que a pessoa em condições de vigília caísse em sonolência, por breve espaço de tempo, ou em "sonambulismo vígil", ou em estado de "ausência psíquica"**, ou, ainda, que pensasse mais ou menos vivamente na pessoa distante. (BOZZANO, 1987, p. 53, grifo em itálico do original, em negrito nosso).

E, por último,

Devo observar que nas minhas classificações se encontram outros nove casos (cinco dos quais ocorridos com William Stead), em que aparece a circunstância presumível do estado de vigília nos vivos que se comunicavam; mas, ao mesmo tempo, assinalo que em nenhum deles se pode afirmar isso com segurança. [...] (BOZZANO, 1987, p. 107-108, grifo nosso).

Como Bozzano era um pesquisador experimentado (ele informa que "*há quarenta anos que me dedico a pesquisas psíquicas*") (BOZZANO, 1987, p. 12), ele usou a expressão "aparente vigília" pois não houve como se ter



certeza do estado de vigília, nos casos mencionados na sua obra.

A pergunta que cabe aqui é: poderíamos nós, que não pesquisamos fenômeno algum, assegurar categoricamente que algum Espírito de pessoa viva conhecida pode ter-se manifestado em completo estado de vigília, como se ele tivesse se dividido em dois? Vejamos essa pergunta em *O Livro dos Espíritos*:

92. *Os Espíritos têm o dom da ubiquidade? Em outras palavras, o mesmo Espírito pode dividir-se ou existir em vários pontos ao mesmo tempo?*

“**Não pode haver divisão de um mesmo Espírito**, mas cada um é um centro que irradia para diferentes lados, e é por isso que parecerem estar em muitos lugares ao mesmo tempo. Vês o Sol? É um somente; no entanto, irradia-se em todas as direções e leva muito longe os seus raios. Contudo, não se divide.” (KARDEC, 2013b, p. 87, grifo nosso).

Embora sendo uma situação diferente, podemos extrapolar para o nosso assunto algo interessante:

137. *Um Espírito pode encarnar a um tempo em dois corpos diferentes?*

“**Não, o Espírito é indivisível** e não pode animar simultaneamente dois seres distintos.” (Ver, em *O Livro dos Médiuns*, o capítulo VII, “Da bicorporeidade e da transfiguração.”) (KARDEC, 2013b, p. 105, grifo nosso).

Nos comentários que Kardec faz à questão 92-a, também afirma “*Cada Espírito é uma unidade indivisível*”, (KARDEC, 2013b, p. 87). Ora, se como dito, o Espírito é indivisível, tanto faz se ele esteja encarnado ou na erraticidade; isso se aplica em ambas as situações; portanto, ele só poderá estar presente e se manifestar em um lugar, nunca em dois ao mesmo tempo.

IV CONCLUSÃO

É importante recordarmos que a manifestação é o fenômeno pelo qual o Espírito se utiliza de um médium para interagir-se com alguém; já a comunicação é apenas a mensagem transmitida, e pode ocorrer diretamente entre os envolvidos, mente a mente, sem nenhum intermediário.

O Espírito de uma pessoa viva, permanecendo em estado de vigília, pode manifestar-se, ou seja, se emancipar do corpo e entrar em sintonia com um médium, para, através deste, manifestar-se a alguém? Segundo o Espiritismo, a resposta é: não!

Há, pelo menos, duas correntes no movimento espírita que advogam ser Chico Xavier o Codificador em nova reencarnação; porém, entram em conflito na lista que apresentam das supostas reencarnações de Kardec; uma delas cita João Evangelista¹ e a outra aponta João Batista², embora esses dois personagens terem sido contemporâneos.

¹Nuno Emanuel. “Allan Kardec é João Evangelista”, disponível em: <http://www.vinhadeluz.com.br/site/noticia.php?id=2010>, acesso em 19.04.2015.

²IPEAK - Instituto de Pesquisas Espíritas Allan Kardec. “Elias - João Batista - Allan Kardec”, disponível em: http://www.ipeak.com.br/site/newsletter_conteudo.php?id=562&idioma=1, acesso em 19.04.2015.

No decorrer deste estudo, quanto falamos da mensagem assinada por “Um Espírito”, vimos que vários Espíritos protetores expressaram seu pensamento através do Espírito-Guia; o fato que não deixamos de perceber é que entre esses protetores foi citado o nome de João Evangelista. Aliás, nas obras da Codificação, existem mensagens assinadas por ele, incluindo a mensagem “Prolegômenos”, em *O Livro dos Espíritos*, onde ainda se vê a de Platão, que é outra pessoa que consta da lista das reencarnações de Kardec. Teria Kardec se dividido em três personagens: Platão, João Evangelista e ele mesmo?

Na reunião da Sociedade de Paris, realizada em 14 de dezembro de 1860, o próprio Kardec evoca João Evangelista, fato que não era novidade, já que, por várias vezes, se manifestou através da Senhorita J... (KARDEC, 1993d, p. 5). O que temos aqui, senão um Espírito de pessoa viva evocando a si mesma?...

Quanto ao outro João, temos um relato de que, na presença de Kardec, o espírito de São João Batista foi ovacionado por ser o protetor espiritual do grupo espírita de Saint-Just, que também o tinham como protetor da Humanidade (KARDEC, 1993e, p. 292). Era também protetor da Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angély, onde sempre se manifestava (KARDEC, 1993f, p. 327-328). Bem curiosa a situação de que um Espírito de pessoa viva era o protetor de uma sociedade espírita.

Esses são apenas alguns problemas criados pelos que insistem em descobrir as reencarnações de Kardec, como se isso fosse algo importante do ponto de vista doutrinário.

O presente estudo mostra, portanto, que o Espírito de uma pessoa viva não pode se manifestar quando seu corpo está em estado de vigília. Logo, isso não pode ser usado como argumento para a hipótese de que Chico e Kardec sejam o mesmo Espírito. Como disse Kardec, “*o que queremos, antes de tudo, é o triunfo da verdade, de qualquer parte que venha, não tenho a pretensão de ter sozinho a luz.*” (KARDEC, 1993g, p. 67); fora o fato de que “*Cada um está no direito de manter suas convicções*” (KARDEC, 2007b, p. 37).

REFERÊNCIAS

- AKSAKOF, A. *Animismo e Espiritismo. Vol 2.* FEB, Rio de Janeiro, 2002.
- DELANNE, G. *A alma é imortal.* FEB, Rio de Janeiro, 1987.
- . *Pesquisas sobre mediunidade.* Conhecimento, Limeira, SP, 2010.
- DENIS, L. *No invisível.* FEB, Rio de Janeiro, 1987.
- . *O gênio céltico e o mundo invisível.* CELD, Rio da Janeiro, 2001.
- GARCIA, W. *Chico você é Kardec?* EME, Capivari, SP, 1999.
- BOZZANO, E. *Comunicações mediúnicas entre vivos.* Edicel, São Paulo, 1978.



- . *Animismo ou Espiritismo?* FEB, Rio de Janeiro, 1987.
- KARDEC, A. *Instruções práticas sobre as manifestações espíritas*. O Clarim, 6^a ed. Matão, SP, s/d.
- . “Os Evangelhos explicados pelo Sr. Roustaing.” *Revista Espírita*, **ano IX**, N^o 6, julho 1866, p. 190-192. IDE, Araras, SP, 1993a.
- . “A jovem cataléptica de Souabe.” *Revista Espírita*, **ano X**, N^o 1, janeiro 1866, p. 18-25. IDE, Araras, SP, 1993b.
- . “Bibliografia - O Livro dos Médiuns.” *Revista Espírita*, **ano IV**, N^o 11, novembro 1861, p. 361-362, IDE, Araras, SP, 1993c.
- . “Extrato das atas – Sexta-feira, 14 de dezembro de 1860.” *Revista Espírita*, **ano IV**, N^o 1, janeiro 1861, p. 5-6. IDE, Araras, SP, 1993d.
- . “Espiritismo em Lyon.” *Revista Espírita*, **ano IV**, N^o 10, outubro 1861, p. 289-293. IDE, Araras, SP, 1993e.
- . “Os mistérios da Torre de Saint-Michal de Bordeuax.” *Revista Espírita*, **ano V**, N^o 11, novembro 1862, p. 323-335. IDE, Araras, SP, 1993f.
- . “Diatribes.” *Revista Espírita*, **ano II**, N^o 3, março 1859, p. 66-68, IDE, Araras, SP, 1993g.
- . “Comunicação Coletiva.” *Revista Espírita*, **ano X**, N^o 3, março 1867, p. 80-85. IDE, Araras, SP, 1999a.
- . “Os presentimentos e os prognósticos.” *Revista Espírita*, **ano X**, N^o 11, novembro 1867, p. 333-339. IDE, Araras, SP, 1999b.
- . “Partida de um adversário do Espiritismo para o mundo dos Espíritos.” *Revista Espírita*, **ano VIII**, N^o 10, outubro 1865, p. 297-311. IDE, Araras, SP, 2000.
- . “Conversas familiares de além-túmulo – Mozart.” *Revista Espírita*, **ano I**, N^o 6, maio 1858, p. 137-143. IDE, Araras, SP, 2001.
- . *Obras Póstumas*. FEB, Rio de Janeiro, 2006.
- . *A Gênese*. FEB, Rio de Janeiro, 2007a.
- . *O Livro dos Médiuns*. FEB, Rio de Janeiro, 2007b.
- . “Estudo sobre os possessos e Morzine, causas da obsessão em meios de combatê-la.” *Revista Espírita*, **ano VI**, N^o 4, abril 1863, p. 145-161. IDE, Araras, SP, 2008.
- . *O Livro dos Médiuns*. FEB, Rio de Janeiro, 2013a.
- . *O Livro dos Espíritos*. FEB, Rio de Janeiro, 2013b.
- MONTEIRO, E. C. *Allan Kardec (o druida reencarnado)*. Eldorado/Eme, São Paulo, 1996.
- OLIVEIRA, W. M. *A volta de Allan Kardec*. Kelps, Goiânia, GO, 2007.

TITLE AND ABSTRACT IN ENGLISH

Mediumistic manifestation of an incarnate Spirit: is it possible for this to happen with an awake person?

Abstract: The Spiritism says that it is possible to have a mediumistic manifestation of an incarnate Spirit, if he is in an altered state of consciousness, as in the sleep. However, recently, the possibility of this phenomenon to happen with an incarnate in an awoken state of consciousness has become a controversial question. In this paper, we went deep in the basic books of the spiritist codification in order to find out how this subject is dealt with, and if there is any support from Spiritism for the question. Although there is a message published in the *Spiritist Magazine* that suggests the possibility of having an awoken incarnate mediumistic manifestation, we show that, according to the Spiritism, if the person is awake, he (she) cannot be away from his (her) body and, therefore, he (she) cannot provide a mediumistic manifestation.

Key-Words: Manifestation; incarnates; living people; vigil, Chico Xavier; Kardec.
